

I-SAB

CADERNOS DO

P
A/Z

UFRGS
Instituto de Letras

NÚMERO: 16

DATA: DEZEMBRO DE 1996

Exupéry emerge como héroi-poeta, autor, testemunha e narrador de façanhas, prolongando a tradição de homens de ação e escritores como Xenofonte e Júlio César.

Que verdades desvenda o aviador? Diz Exupéry que são verdades humanas de caráter universal. E ele se demora nos exemplos. Um amigo seu aventura-se a uma missão perigosa na Cordilheira dos Andes. Tratava-se de abrir um caminho aéreo entre as montanhas, empresa de que outros recuaram. Sofrendo uma pane e castigado por uma temperatura devastadora, move-se, contra toda esperança, em busca de socorro. As buscas efetuadas na região o encontram ainda em vida, mas as lesões sofridas determinam-lhe a morte. Exupéry registra as palavras do moribundo: animal nenhum realizou o que eu realizei. Esta é a verdade, a consciência da morte que se ilumina no homem e a ação heroica de combatê-la até o último alento. Exupéry a distingue do suicida que sai da vida premido por uma desilusão amorosa. A máscara deste não oculta nada além de uma sombra. Diferente é a morte do aviador que enfrenta situações adversas para aproximar regiões distantes. Ele ousa afrontar respeitosa e a terra que lhe resiste. As nuvens contempladas em horas tranqüilas ocultam qualidades adversas. Quem suspeitaria que elas se estendem à maneira de uma cortina entre o conhecido e o desconhecido, cobrindo um espaço que confina com a eternidade? Exupéry conclui que o observado só adquire sentido através do trabalho.

A visão do aviador transfigura noções que cartógrafos registram em mapas. Para o pouso, informações sobre laranjeiras e terreno alagado preterem conhecimentos de serras e rios caudalosos. A conversa com um aviador experimentado faz da Espanha, tida por inóspita, uma terra acolhedora e amiga.

O sorriso de Fabien se ilumina no universo organizado por Exupéry. O avião, castigado pelos ventos, eleva-se a um espaço tranqüilo, soberano a todas as contrariedades. É um feito que coroa milênios de atos exitosos. O sacrifício do indivíduo nobilita a luta da humanidade. O sorriso de Fabien resume a alegria de muitos vitoriosos.

SAINT-EXUPÉRY E O IMAGINÁRIO DAS VIAGENS

Maria Luiza Berwanger da Silva**

Busco em Saint-Exupéry um fragmento representativo da totalidade de sua obra e deparo-me com o prefácio do romance *Le Vent se Lève*, da escritora americana Anne Morrow-Lindbergh, sobre narrativas de aviação, onde escreve:

“Anne Lindbergh, dans son livre s’appuie, bien en secret, sur quelque chose d’informulable, d’élémentaire et d’universel comme un mythe ... Elle sait bien faire sentir, à travers les réflexions techniques et les notations concrètes, le problème même de la condition de l’homme! Elle n’écrit pas sur l’avion, mais par l’avion.”¹

Neste prefácio, a metáfora do avião como representação exemplar da palavra poética, ao articular a viagem ao espaço interno, permite a Saint-Exupéry explicitar a própria composição da imagem literária com base tanto na referência explícita a Charles Baudelaire, quanto na expansão dos horizontes textuais que a tradução concede à literatura. No ensaio *Traduire*, de Maurice Blanchot, anterior mas contemporâneo ao romance de Anne Morrow-Lindbergh, dirá o crítico francês, relendo Walter Benjamin^{***} :

* Comunicação apresentada no evento *Saint-Exupéry: Da Era Tecnológica à Literatura* como introdução e justificativa à mesa redonda *Saint-Exupéry e o Imaginário das Viagens*, coordenada pela autora deste texto.

** Professora do setor de Francês do Depto. de Línguas Modernas.

*** A data da publicação da obra *L'Amitié* de Blanchot em 1971 faz-se paralela à da tradução do romance de Ana M. Lindbergh, em 1973, prefaciada por Saint-Exupéry.

“Tout traducteur vit de la différence des langues, toute traduction est fondée sur cette différence... L'original n'est jamais immobile... La traduction est liée à ce devenir, elle le 'traduit' et l'accomplit, elle n'est possible qu'à cause de ce mouvement et de cette vie dont elle s'empare, parfois... Chaque langue pourrait devenir toutes les autres, du moins se déplacer sans dommage dans toutes de directions nouvelles.”²

Nesta reflexão de Blanchot, a representação da prática tradutória pelo traço da mobilidade como busca da diferença e da transformação, entrelaça-se à predileção revelada pela produção baudelairiana. Imbricados, a produção da imagem poética e o exercício da tradução permitem a Saint-Exupéry o olhar duplo sobre a emergência do literário, não só como ato, no qual o adensamento da significação percebido na leitura traça o itinerário da tradução, mas, também, como potência, em que a reescritura do texto alheio nutre incessantemente o desejo da expressão poética lúcida, pois que transformada.

No compasso do ritmo incessante da descoberta e do magnetismo do desconhecido, neste prefácio sobre o romance de Anne Morrow-Lindbergh, a alusão aos fragmentos de *Chant d'Automne*: “*Le bois retentiment sur le pavé des cours. Le bruit mystérieux sonne comme un départ*” de *Spleen et Idéal*, respalda a memória baudelairiana da prática da migração. Reitera esta memória da leitura a carta que Saint-Exupéry escreve à sua mãe, onde manifesta o gosto pela obra baudelairiana:

“Le petit Baudelaire que vous m'avez donné est devenu un vieil ami. Pourtant mon vieux bouquin déchiqueté avait aussi sa valeur, il s'ouvrait tout seul où je voulais... Il ne craignait pas les méditations courbées dessus par une pluie torrentielle pour le petit bijou que vous m'avez donné et où les trouvailles précieuses de Baudelaire trouvent un écrin digne d'elles...”³

O poeta simbolista concede a Saint-Exupéry a sedução da errância, na base da viagem reinventada. Por isto da definição do “verdadeiro livro” como:

“filet dont les mots composent les mailles. Peu importe la nature des mailles du filet. Ce qui importe, c'est la proie vivante que le pêcheur a remonté du fond des mers, ces éclairs de vif-argent que l'on voit luire entre les mailles.”⁴

retém-se a configuração da atividade literária enquanto emergência do latente, do desconhecido e do vago no espaço intervalar, no qual a mobilidade do ato tradutório associa-se ao próprio deslocamento e disseminação do literário.

Modulação, pois, e decantação do fazer poético, a transparência de Baudelaire, nos limites da traduzibilidade, permite consolidar a aproximação da Vida à Arte, eixo nuclear da escritura do piloto-escritor. Como se o nomadismo produzisse, literariamente, a ilusão da eternidade.

A captação baudelairiana da paisagem infinita, renova-a Saint-Exupéry pela impregnação do sentimento humano compartilhado. O desejo de construir o herói da modernidade, múltiplo e enigmático, no cerne do texto de Baudelaire, transforma-se, na experiência do aviador, em voz da plenitude poética. Em Saint-Exupéry, a gratuidade da viagem, condensada no verso de *L'Invitation au Voyage*: “*Mais les vrais voyageurs sont ceux-là seuls qui partent pour partir*”⁵, e de que se apropria Manuel Bandeira em *Itinerário de Pasárgada* (“*Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei / Lá tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei*”)⁶, faz-se eco da solidariedade humana indivisível. A reflexão incessante sobre o homem, paralela à imagem da acolhida fraterna, sustenta o olhar crítico sobre Saint-Exupéry na Modernidade. Nas palavras do escritor homenageado: “*La grandeur d'un métier est peut-être avant tout d'unir les hommes*”.

Evocar Saint-Exupéry hoje, sob o impacto do imaginário das viagens, significa traçar-lhe não só a fisionomia definitiva, modelada pela busca do Outro de que a subjetividade lírica sorve a revitalização, mas, antes, avaliar o legado do autor para os estudos comparatistas, na visualização da literatura como prática de convergência e de transgressão das fronteiras textuais compartilhadas.

A valorização do texto estrangeiro, no fundo da tradução francesa do romance americano de Anne Morrow-Lindbergh, ao inscrever a obra de Saint-Exupéry na inclinação contemporânea da arte à

diversidade, sugere um caminho instigante de pesquisa: percebe, sob a associação emblemática (e de certo modo redutora) do autor à imagem do *Petit Prince*, a antecipação do eixo iluminador do espaço/utopia da linguagem. Nos limites da poética da aviação, passa-se a pertencer a "*une certaine civilisation neuve*", como refere Saint-Exupéry em um de seus *Carnets*.

Assim, o desejo de Saint-Exupéry de explicar a própria obra através do prefácio de um romance americano vislumbra, para o leitor moderno, o cruzamento de alteridades revisitadas, na busca do homem universal: da viagem, a multiplicidade; da reiteração da arte vasta, a provável redescoberta do texto de Saint-Exupéry.

NOTAS

- ¹ SAINT-EXUPÉRY. *Oeuvres Complètes*, p.434.
- ² BLANCHOT, Maurice. *L'Amitié*, p.70, 71, 73.
- ³ SAINT-EXUPÉRY. *Op.cit.*, p.683.
- ⁴ *Idem*, p.688.
- ⁵ BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*, p.301.
- ⁶ BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*, p.117.
- ⁷ SAINT-EXUPÉRY. *Op.cit.*, p.854.

BIBLIOGRAFIA

- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira - Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard. Bibliothèque de la Pléiade, 1975.
- BLANCHOT, Maurice. *L'Amitié*. Paris: Gallimard, 1971.
- SAINT-EXUPÉRY. *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1994.

A MORAL DE SAINT-EXUPÉRY

Michel Peterson*

Nossa época é vulgar. Ela se nutre do tempo real, dos "*reality show*", das ilusões humanitárias. A cada dia, o telejornal nos traz seu lote de desinformações, de acontecimentos cuidadosamente selecionados e descontextualizados em função de estratégias políticas e econômicas. Os resultados da bolsa estão lado a lado com os do Grêmio da véspera; os conflitos na ex-Iugoslávia, na Somália, no Curdistão, para só nomear estes, atraem muito menos a atenção do que as rixas de Lady Di com a coroa britânica. O drama dos Mamonas é tão atroz quanto o dos 45.000 mortos da população civil iraquiana durante a guerra do Golfo. A extravagância da política colonial israelense nos territórios ocupados choca menos do que o assassinato de Yitsak Rahbin ou do que a tão medíocre *Lista de Schindler*. Quem se preocupa atualmente com a sorte do povo do Timor Oriental, abandonado por Portugal durante a "*Revolução dos Cravos*" (1974-75)? Menos de um mês após a declaração de sua independência em novembro de 1975, esse novo estado foi simplesmente invadido pela Indonésia, submetido a uma espantosa repressão e depois riscado do mapa. Acontecimento sem dúvida financeiramente menos aliciador para a televisão do que o próximo carnaval. É verdade que a Ásia do Sudeste nos interessa bem menos do que a pretensa crise mundial do endividamento (muito bem gerida pelo Fundo Monetário Internacional...) ou do que a pretensa internacionalização da língua inglesa. É verdade, igualmente, que nós pertencemos aos 500 milhões de ricos e que contemplamos os 5 bilhões de pobres do planeta, pretextando nossa impotência. Os governos, como nos comparamos em repetir, são tão corrompidos... Como

* Prof. Visitante no Instituto de Letras da UFRGS, atuando nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação.